

## GÊNERO E REFORMA AGRÁRIA: A LUTA DAS MULHERES POR IGUALDADE NO MST

Leandro Carlos Dias Conde<sup>1</sup> & Jéssika Martins Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação à Docência (Pibid) CAPES, leandrocdconde@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica (Pibic) CNPq, jessika.martinsribeiro@gmail.com

A sociedade brasileira é marcada pelo estigma da concentração fundiária e este é um fenômeno que remonta desde o Brasil colônia com projeto das sesmarias portuguesas. Neste período temos um sistema baseado na diferenciação entre raças, religiões, em que a mulher aparece somente como papel reprodutor na estrutura familiar colônia. Um sistema calcado na grande propriedade fundiária, da monocultura para exportação (cana de açúcar e posteriormente o café) e o forte trabalho escravo no Brasil e na desigualdade de gênero.

Os movimentos sociais de luta pela terra no Brasil, entre eles o principal, o Movimento dos Sem Terra – MST -, conseguiu expandir-se por grande parte do território nacional, aglutinar agricultores, aumentar o número de integrantes e de ocupações em todo o Brasil. Tornou-se um movimento com um grande poder de pressão e que se fez ecoar por toda a sociedade civil dando também visibilidade a questões internas do movimento como a reprodução das divisões de gênero.

O debate sobre gênero nos movimentos sociais rurais era algo que se fazia candente e se tratando do seu maior expoente, o MST era algo muito visível. Porém, explicável, pois advém de conservadorismo dos seus dirigentes, homens e que por sua vez reproduziam toda a lógica de exclusão machista das mulheres dos espaços de decisão e poder. No entanto, injustificável, visto que o que se construía dentro do MST era um exemplo de uma sociedade baseada na igualdade social e econômica, na qual a igualdade de gênero faz-se presente.

Inserir as mulheres nas estruturas de poder do MST era um grande passo a se dar e neste sentido promover uma grande transformação nas relações de gênero dentro do movimento, algo que não ficaria somente recluso ao movimento dos sem terra, mas que teria sua influência nos demais movimentos sociais rurais nacionais. Tomamos como marco dessa transformação a criação dos coletivos de gênero em diferentes estados, cumprindo a função de fomentar essa discussão em todos os espaços e reivindicar a participação das mulheres nos atos, nas ocupações, nas decisões etc.

Neste sentido, o presente trabalho trata de apresentar um panorama histórico da questão da terra no Brasil ao surgimento dos movimentos sociais rurais e sua luta pela terra, assim como as características socioeconômicas do meio rural brasileiro. Analisando especificamente a luta das mulheres por igualdade no Movimento dos Sem Terra principal expoente dos movimentos sociais rurais no país.

### Metodologia

A opção teórico-metodológica pauta-se numa abordagem qualitativa, isto é, numa discussão teórica acerca dos movimentos sociais rurais e a luta pela terra no Brasil. Tomo como problemática a questão de gênero dentro do MST, isto é, a luta pelas mulheres dentro do movimento em busca de igualdade.

### Resumo dos Principais Resultados

As estruturas familiares que reproduzem a dependência das mulheres, isto é, as relações de poder no núcleo familiar que relegam a mulher o dever de cuidar dos filhos e da casa, as impedem de participar da luta muitas das vezes. A organização familiar que se encontra na sociedade em geral se reproduz também nos acampamentos e assentamentos, pois o MST e reproduz essa lógica de opressão também. O machismo é um grande problema na participação das mulheres que veem sua participação pormenorizada e relegada a casa – historicamente o papel da mulher no campo - e pela desigualdade de gênero em que estão calcadas as relações.

No ano de 1986 vemos grande avanço nesse sentido com a conquista do direito de receberem lotes na implantação dos assentamentos e sem estar na condição de dependentes de pais ou irmão. A forte presença das mulheres criou o “Coletivo Nacional das Mulheres do MST” demonstrando sua forte presença em diversos encontros nacionais e estaduais do movimento. Debatendo a questão de gênero, o papel da mulher na luta pela terra em todas as esferas. Porém, o machismo é ainda um grande entrave e responsável pelo ainda reduzido espaço de poder ocupado pelas mulheres e pela violência sofrida.

### Referências Bibliográficas

- MARTINS, José de Souza. A questão agrária brasileira e o papel do MST. In: STÉDILE, João Pedro (org.). A reforma agrária e a luta do MST. Petrópolis: Vozes, 1997
- SORJ, Bernardo. Estado e classes na agricultura brasileira. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 198. 6
- WANDERLEY, N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO (Org.) Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo-RS: UPF, 2001.